

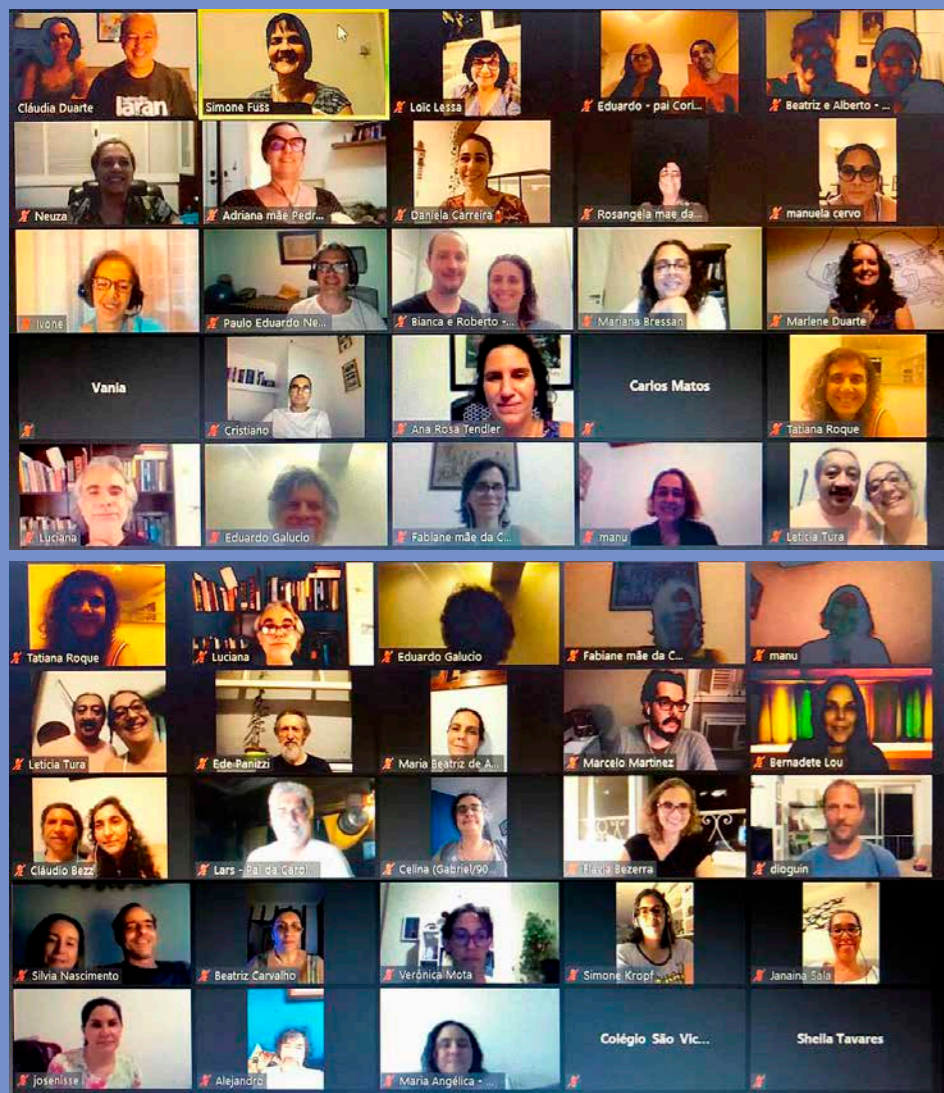
a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

APRENDIZADOS NA QUARENTENA





APM REALIZA REUNIÕES COM RESPONSÁVEIS

Durante três semanas em setembro, a diretoria da Associação de Pais e Mestres (APM) promoveu reuniões com pais, mães e responsáveis dos três segmentos de ensino do Colégio São Vicente de Paulo. O objetivo foi estabelecer um canal de escuta e acolhimento e fortalecer a representação institucional nesse momento tão desafiador para a toda a comunidade vicentina.

A primeira reunião foi realizada no dia 11 de setembro com os responsáveis pelos alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Cerca de 45 pais e mães estiveram presentes e compartilharam suas dúvidas, angústias e demandas. No dia 17, foi a vez dos responsáveis pelos alunos do 6º ao 9º ano e, finalmente, no dia 23 de setembro, os pais e mães de alunos do Ensino Médio. Os encontros aconteceram de forma virtual, pela plataforma Zoom, gentilmente cedida pela direção da escola.

A preocupação com a volta às aulas presenciais, as dificuldades do ensino remoto e a busca por estratégias que ajudem a reduzir os impactos da pandemia entre as crianças e jovens foram alguns pontos em comum em todos os encontros. A direção da Associação de Pais sistematizou as principais demandas para compartilhar com a direção da escola em reunião do Conselho Pedagógico.

a chama

Revista editada pela
Associação de Pais e Mestres do
Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLVII Nº 104
Outubro/ 2020

Supervisão Editorial

Marlene Martins Duarte e Claudia Regina Duarte

Reportagem

Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos

Rosa Lima

Revisão

Norma Hoffmann e Marlene Duarte

Projeto Gráfico e Produção Editorial

Christina Barcellos

Capa

Foto do aluno Victor Borba - 2ºD

Fotos

Pe. Lauro Palú, professores e alunos do CSVP, arquivo Thiago Judice, arquivo Eduardo Moreira, arquivo Natalia Ourique, arquivo Marlene Figuerôa, arquivo Fabiano Lins

Ilustrações

Sepp Baendereck e Marina Barrocas

Jornalista Responsável

Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretora Presidente

Simone Fuss Maia da Silva

Diretor Vice-Presidente

Carlos Machado de Freitas

Diretora Secretária

Cristine Clemente de Carvalho

Diretora Tesoureira

Renata Gorges Rocha Guimarães

Diretora Social

Marlene Martins Duarte

Representante dos Professores

Ivone Vieira

Assistente Eclesiástico

Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal

Claudia Regina Duarte, Vania Etinger de Araújo, Simone Kropf, Neuza Miklos Pereira, Zena Eisenberg e Bernadete de Paulo Lou

Secretário da APM

Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2

CAPA

O APRENDIZADO NO
TEMPO DA COVID-19

6

VOLTA ÀS AULAS

PROTOCOLOS PARA
O RETORNO SEGURO

8

FALA, PROFESSOR

THIAGO JUDICE,
O MULTIMÍDIA

10

EXTRACLASSE

CHATS AGITAM O
ENSINO MÉDIO

12

RODA DE CONVERSA

LEONARDO BOFF E O
GRITO DA TERRA

14

TRANSFORMADOR SOCIAL

EDUARDO MOREIRA: DE
BANQUEIRO A INFLUENCER

16

ARTIGO

OS IMPACTOS DA PANDEMIA

18

NOTAS

20

HOMENAGEM

CSVP SAÚDA O
QUERIDO PE. LAURO

OI, CARO LEITOR

Tudo bem até aqui? Esperamos que sim. Aqui n'A Chama continuamos seguindo o mote de Paulo Freire, esperando todos os dias, buscando formas ativas de manter a esperança acesa e a fé em dia. Num ambiente de tantas incertezas e angústias, a arte e a espiritualidade são saídas que encontramos para enfrentar este momento. A imagem da nossa capa é reflexo dessa busca. A foto foi clicada pelo aluno Victor Borba, do 2º ano do Ensino Médio, que respondeu ao nosso chamado entre os alunos para nos contar como vêm enfrentando este ano tão atípico. Assim como ele, outros alunos também nos mostraram o que vêm fazendo em seus aprendizados da quarentena, em matéria que é o assunto da nossa capa.

Inevitável pensar no quão importante é reafirmarmos nossos laços, não deixando para amanhã o que podemos fazer hoje. E dentro desse espírito, homenageamos Padre Lauro, que completou recentemente 80 anos, e é figura tão importante para a comunidade vicentina. Nosso reconhecimento e agradecimento por tudo o que semeou como educador ao longo de 20 anos à frente da direção da escola. Vamos sempre nos lembrar de frases que eram suas marcas registradas. Ser feliz por ser bom é uma delas!

Esta edição traz ainda um perfil do transformador social Eduardo Moreira, criador do movimento #Somos70porcento, e uma nota de adeus ao querido aluno Lucas Romano, que nos deixou precocemente. Ficam a nossa saudade e as boas lembranças.

Boa leitura.

Simone Fuss e Marlene Duarte

O QUE APRENDEMOS NA QUARENTENA

O segundo semestre letivo começou com a pandemia ainda muito ameaçadora lá fora, retardando o tão esperado retorno à escola e às aulas presenciais. O confinamento em casa, que imaginávamos breve, já se estende a mais de sete meses. Mas a quarentena que impôs restrições à mobilidade e ao contato físico também convidou à reflexão e à aprendizagem.

Momento difícil, sem dúvida, de perdas, medo, tédio e ansiedade, mas também uma grande oportunidade de olharmos para dentro de nós, revisitarmos nossas atitudes e nossa maneira de pensar e estar no mundo e em sociedade. Momento também de adquirir novos hábitos, aprender novas habilidades e descobrir novos saberes.

É disso que falam os depoimentos e trabalhos destas páginas. Instados por uma chamada d'A Chama, sete alunos, do EFII ao EM, compartilharam seus aprendizados na quarentena. Música, desenho, fotografia, culinária, autoconhecimento, gratidão...

Também os professores Thiago Judice e Cacau Marçal motivaram suas turmas a transformar questões que afloraram neste período em poesia e arte. É o que vemos nos poemas escritos coletivamente pelas turmas do 8º ano no PLIPT e pelas obras produzidas pelos alunos de artes do 1º EM, de diálogos estéticos entre artistas de diferentes épocas e lugares. Todos traduzindo inquietações contemporâneas e expondo sentimentos complexos. Sentimentos da quarentena.

NINA MAGALHÃES DE MEDINA T 801

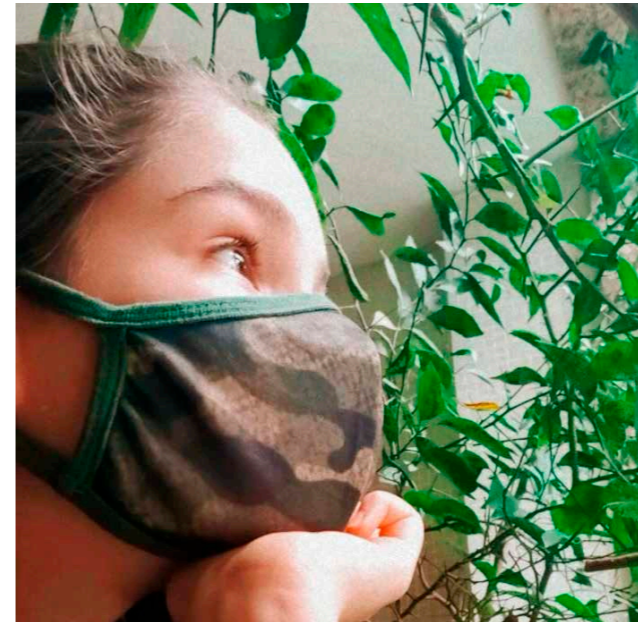
Eu aprendi a fazer pão! O processo de fazer o pão não é complicado, mas é demorado. Todo o tempo que é necessário para fazê-lo vale a pena no final. A melhor parte é vê-lo crescer. Como ele sai daquela pequena massa e se transforma em um grande pão. Por fim, gostaria de dizer que produzir pão é muito agradável e eu recomendo!



ANDRÉ MARIEN T 802



Apesar do cenário mórbido, tem sido bom – confesso. Jamais tive tanto tempo para dedicar-me a coisas que mal sabia que gostava: novos estudos e novos autores – estou no 3º livro da Clarice Lispector. Além das aulas que já bem conheço, mas que agora se apresentam de forma tão distinta. Mesmo ansioso por não saber quando isso terá fim, sigo me distraindo com meu celular e com os trabalhos que, aos poucos, amontoam-se ao meu redor, tentando então visualizar o que será de nossas vidas depois do fim de tamanha tragédia.



JÉSSICA ALVES T 701

No início, eu achei que a quarentena ia ser meio chata, mas as coisas que vieram com ela foram bem legais. Com as aulas online veio a oportunidade de aprender mais a mexer no computador e, nesse ambiente online, veio também a responsabilidade de ver todas as plataformas e os deveres. Fora desse ambiente tecnológico, aprender a conviver comigo mesma foi bem interessante, porque antes da pandemia minha vida era tão corrida que eu nem pensava muito nisso. Também revi alguns conceitos que eu tinha, como porque eu não vi tal série ou tal filme. Ficar com o pouco de natureza que tinha do lado da minha casa foi bem divertido também, e acaba que, no final, a gente dá valor a coisas que antes a gente não dava.

CLARISSE OZELIN

Nessa quarentena mudei muito, fiz muita coisa de diferente e de nova. Por exemplo, sempre fui muito ligada à arte, mas me sinto como se estivesse mais conectada do que antes, sempre amei desenhar, e evolui muito nesse aspecto durante esses meses. Comecei a customizar minhas coisas, para deixar tudo mais a minha cara. Sempre amei música, mas ultimamente tenho conhecido e ouvido muito mais.

VICTOR BORBA* 2ºD

Com todos confinados em casa por conta da pandemia, passamos a ter mais contato com os nossos sentimentos e eu tive com os meus. O amontoado de notícias que recebemos durante essa crise nos faz pensar em diversas coisas, e eu precisei colocar o que eu senti e refleti para fora. Aproveitei o tempo extra para explorar minha paixão pela fotografia e encontrar novas formas de me expressar por ela. E durante todos esses meses explorei desde fotos abstratas até auto retratos.

* Autor da foto da capa

SOFIA DANTAS ZYNGIER T 802

Bom, nessa quarentena eu aprendi a valorizar mais o que eu tenho, por exemplo, eu tenho uma casa para morar, comida para comer, amigos para conversar, tecnologia para me comunicar, família para ajudar etc. Ou seja, basicamente aprendi a olhar para mim mesma, pensar em como sou privilegiada e ter cada vez mais gratidão por isso.



MARIA LUISA AMADO T 602

Tenho usado a quarentena para aumentar a minha criatividade e treinar coisas diferentes. Eu estou aprendendo a tocar piano, tenho um professor que me dá aula toda semana on-line, também aprendi várias técnicas de desenho e principalmente de aquarela. Agora eu amo desenhar, e sempre que posso estou desenhando!!

T 801 . PROJETO POESIA COLETIVA. PLIPT

Nestes tempos diferentes
 Onde estamos isolados
 Parecendo um eterno feriado
 Ficamos muito entediados
 Fome, tédio e tristeza
 São os sentimentos que predominam no momento
 São tempos de muita dureza, muitas empresas falindo
 E a economia caindo
 E 20% das pessoas morrendo
 Muitas pessoas ficando desempregadas e internadas
 Famílias sem poder ver os enterros
 E as pessoas chateadas e tristes
 Prateleiras de mercado e farmácias vazias
 Pessoas batendo panela como forma de protesto
 E estocando comida
 Quem tem dinheiro sai comprando tudo
 Queria tá jogando cod com os amigos
 As aulas online vieram com tudo
 E ficamos na frente do computador o dia inteiro
 Pessoas morrendo e a gente em casa
 Sem poder ir para fora
 Jogando toda hora
 Sem nenhuma pausa
 Nos perguntamos quando isso tudo vai acabar
 Não aguento só jogar, eu quero sair pra caminhar
 E andar no shopping com os amigos
 Tô com saudade do meu moção
 A ética some nesses momentos
 E ficamos viajando em nossos pensamentos
 Coronavírus vai embora
 Já passou da hora.



GABRIELA CICCA . 1C

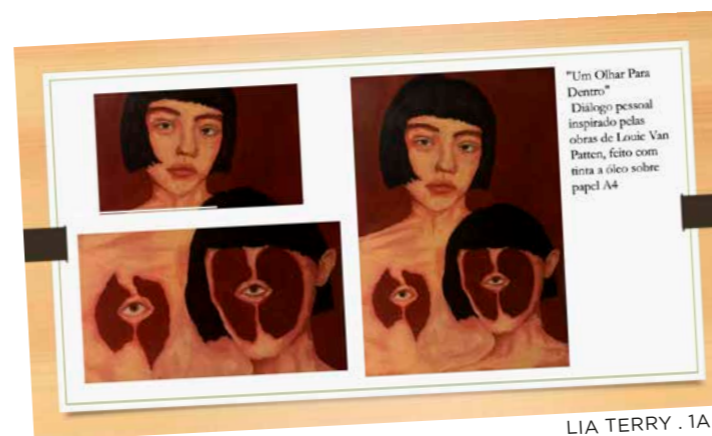


MIGUEL KHOURY . 1B

T 802 . PROJETO POESIA COLETIVA. PLIPT

E este tempo que não passa
 Todo dia eu penso e repenso
 Com essa angústia, fico em casa
 Cada vez mais tenso
 Quero me livrar desses sentimentos
 Que me fazem mal
 Mas eles permanecem no meu coração
 Virou um sentimento normal
 Uma definição agora inexistente
 Sinto falta até da multidão
 Além da aglomeração
 Cada noite mal dormida
 Penso na vida
 Que era tão bela
 E ninguém dava trela
 Assim se passam os dias
 Intermináveis e vazios
 Sem podermos ver os nossos amados
 Sem choros ou risos
 As incertezas ainda são presentes
 E esse medo levamos com a gente
 Sem saber o que vem pela frente
 A cada dia uma notícia diferente
 Cada dia mais mortes e preocupações
 E cada vez mais decepções
 Pessoas agem como se algo tão monumental
 Não importasse
 Dando importância apenas a algo irrelevante
 Como se ninguém se amasse
 Sem empatia, como seguiremos adiante?
 Vários estão morrendo, e outros, sofrendo
 De pouco a pouco vamos nos perdendo
 Entes queridos estamos perdendo lentamente
 Os médicos e enfermeiros trabalhando arduamente
 Enquanto uns estão a partir
 Outros estão a imaginar o que virá a seguir
 Temos a sensação de batalha perdida
 Pessoas lutando pela sua vida
 Por isso é importante não desistir
 E tentar se prevenir
 Para o vírus sumir

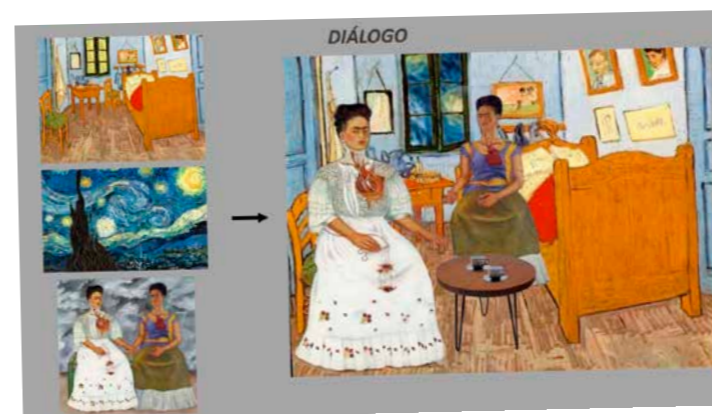
1ºANO E.M . PROJETO DIÁLOGOS . ARTES



LIA TERRY . 1A



LETÍCIA MENEZES . 1C



MARIA EDUARDA RIZZINI . 1C

Os poemas coletivos das turmas do 8º ano, produzidos no Plipt, com o prof. Thiago Judice, e as imagens criadas pelos alunos da profa. Cacau Marçal, do 1º ano E.M., a partir de pesquisa teórica em artes

T 803 . PROJETO POESIA COLETIVA. PLIPT

Chegamos até aqui
 e agora penso que não vai voltar ao normal.
 Estamos sobrecarregados de dever
 e não estou tendo prazer.
 Penso que ainda vai demorar muito para voltar ao normal,
 mas o normal vai ser o mesmo ?
 Conseguiremos andar na rua normalmente de novo?
 Será que a gente vai ver alguém sorrir de novo ?
 Ou só vamos olhar a felicidade pelo olho do outro?
 Esse capítulo será esquecido tão cedo?
 A gente está vivendo cheio de medo.
 Será que um dia poderei olhar para uma pessoa,
 com o mesmo olhar de antes?
 A sensação de impotência é agonizante.
 A situação está triste.
 O mundo nunca será o mesmo.
 Durante muitos dias se pensava
 que tudo passaria com pressa,
 sem deixar nenhuma sequela.
 Mas como seria se deixássemos
 as crianças se encontrarem?
 Em 14 dias, mais uma disputa por um respirador.
 A agonia e o arrepiio vêm em um instante,
 pois quando os locais pobres continuam longe dos holofotes,
 ninguém percebe a fragilidade da contra medida,
 em que vários passam sufoco.
 E não, não é ignorância.
 Quebrar o distanciamento social
 é sim uma forma de garantir o pão de cada dia!
 O almoço de todos os dias.
 E não ver o próprio filho passando vontade,
 e sendo catando ou improvisando,
 uma forma de sobreviver.
 Só vejo decisões incertas.
 O tempo passa e passa,
 mas não vejo um final.
 Olho o horizonte
 com inveja dos pássaros a voar.
 Sem nenhuma obrigação
 me lembram do passado,
 quando não tínhamos medo e insegurança.
 Renego agora o tempo perdido,
 fui além disso.
 Procuo não mais me perder.
 Procuo estar ébrio a todo momento,
 procuro tempo a perder.
 Procuo pelo seu cabelo ressequido ao sol.
 Quero amar a tudo e a todos
 E me perder em tanto amar.
 Estonteado, corro ao por do sol.
 Agarrá-lo mais uma vez,
 seria uma bela última vez.

RETORNANDO COM SEGURANÇA

CSVP criou Grupo de Trabalho para definir protocolos de funcionamento seguro e saudável da escola na volta às aulas presenciais

Desde meados de março, quando o Colégio São Vicente fechou suas portas às atividades presenciais, para evitar a disseminação da Covid-19, duas perguntas básicas tomaram conta da comunidade escolar: quando voltaremos? Como voltaremos?

No início do mês de junho, foi criado um Grupo de Trabalho com o objetivo de pensar e estabelecer os protocolos de funcionamento para o momento em que fosse possível a volta às aulas presenciais. As questões a serem enfrentadas eram inúmeras. Por um lado, as medidas sanitárias para permitir que as centenas de alunos, educadores e funcionários pudessem conviver novamente, livres dos perigos de contágio do novo coronavírus. Por outro, o gerenciamento de horários e a divisão das turmas, a organização entre os docentes que poderiam e os que não poderiam voltar fisicamente, e a esquematização para que as aulas que pudessem ser presenciais também fossem todas transmitidas on-line.

Formado por profissionais do próprio colégio, com acompanhamento de especialistas, o Grupo de Trabalho dividiu-se em dois comitês, um pedagógico e um geral. Juntos, eles elaboraram o *Plano Volte Seguro – Plano geral de retorno às atividades presenciais*, que chegou à sua forma final, em agosto, depois de receber sugestões da comunidade escolar a que foi submetido. Mais tarde, com a autorização da Prefeitura da Cidade para a volta às aulas nas escolas particulares e a suspensão da proibição de reabertura das escolas, por parte da Justiça, o CSVP marcou o retorno às atividades presenciais para a semana de 19 de outubro.

Ensino remoto garantido

A coordenadora acadêmica adjunta, Norma Hoffmann, ficou à frente do comitê pedagógico, que dentre outras funções desenvolveu o sistema gradativo de retorno de educadores e educandos. No novo cenário, segundo ela, a retomada foi definida, de forma escalonada, com as turmas de cada série divididas em dois grupos, mantendo o ensino remoto mediado por tecnologia como meio principal de desenvolvimento dos processos pedagógicos.

O cronograma ficou assim estabelecido: em 19 de outubro, o colégio recebe o grupo de educadores dos Ensinos Fundamental II e Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para reuniões de acolhimento (os educadores do Fundamental I voltam na segunda-feira seguinte). A partir de 20 de outubro, têm início as aulas presenciais do primeiro grupo de alunos, formado pela 3ª série do EM, 7º ano do EF e EJA. Os alunos do 6º, 8º e 9º anos, que compõem o segundo grupo, voltam em 26 de outubro. Por fim, a partir de 3 de novembro, é a vez do terceiro grupo, composto pelas 1ª e 2ª séries do Médio e os alunos do Fundamental I.

Os estudantes que preferirem retornar presencialmente serão respeitados. “Quem permanecer em casa terá o ensino remoto garantido; a família que não se sinta segura em voltar pode optar por isso, devendo manifestar expressamente sua vontade em documento escrito”, esclarece Norma.

A composição da carga horária semanal vai considerar as aulas presenciais, as atividades por meio das plataformas virtuais e as aulas interativas. Conforme o Plano Pedagógico de Retorno, mas

fazendo as adequações necessárias, do 6º ano do Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio, o colégio trabalhará com quatro tempos diários, cada um com 45 minutos de duração, havendo intervalos de cinco minutos entre uma aula e a seguinte, e um recreio de 20 minutos. Já o Fundamental I terá carga horária diferenciada, respeitando-se as especificidades do segmento.

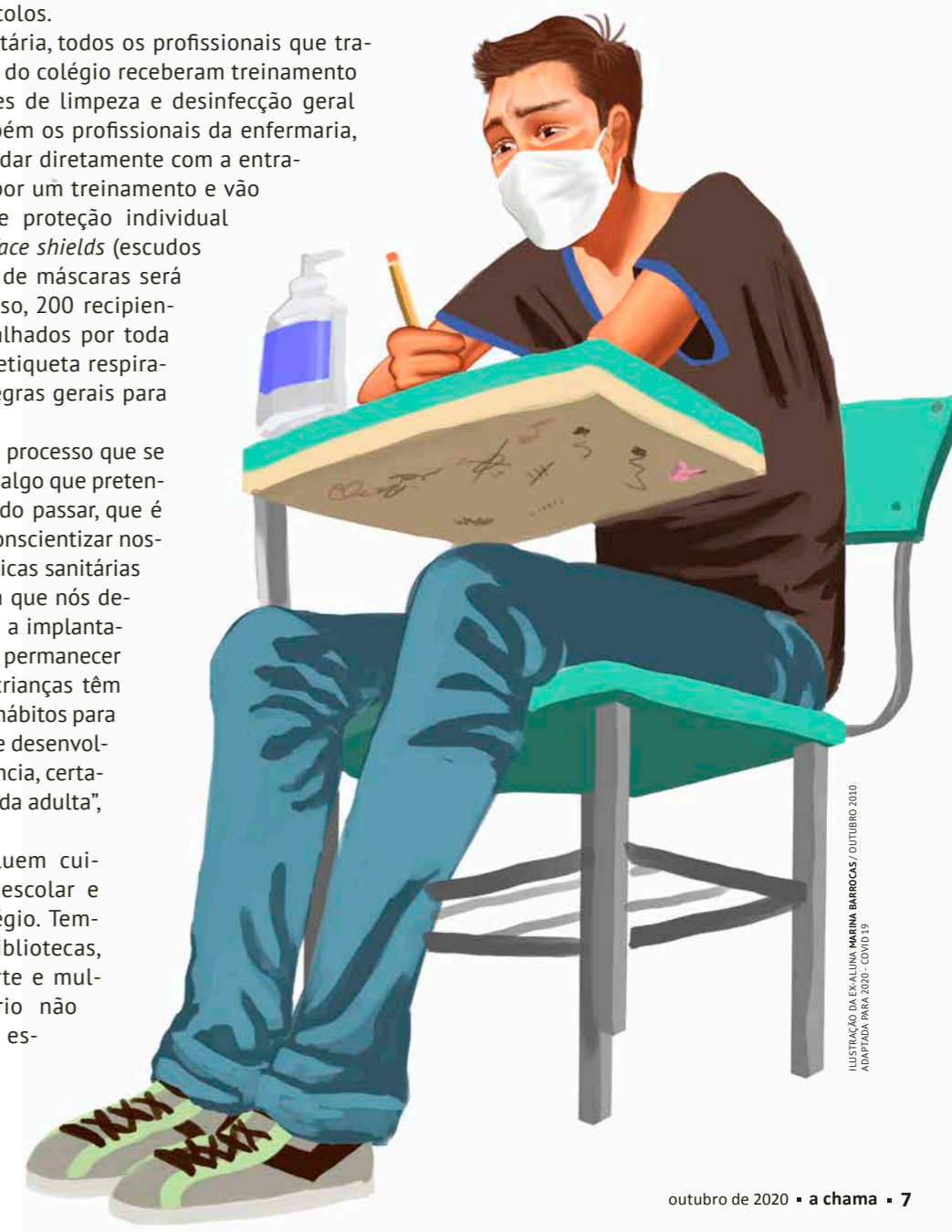
Respaldo técnico-científico

Quem ficou à frente do comitê geral foi o gerente administrativo, Luiz Fernando Prado. Ambos os grupos trabalharam semanalmente consultando um número expressivo de fontes, referências em protocolos de saúde, como os Ministérios da Saúde do Brasil e de Portugal, a Organização Mundial da Saúde, a Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Sociedade Brasileira de Infectologia e a Fundação Oswaldo Cruz, além de documentos orientadores de instituições estrangeiras como a National Association of School Nurses, dos Estados Unidos. Todo esse processo teve o acompanhamento técnico-científico das empresas Reanime-Rio e da Urmes Saúde Educacional, que deram o respaldo científico na definição dos protocolos.

Em relação à segurança sanitária, todos os profissionais que trabalham na parte de higienização do colégio receberam treinamento específico para elevar os padrões de limpeza e desinfecção geral aos patamares necessários. Também os profissionais da enfermagem, porteiros e inspetores, que vão lidar diretamente com a entrada e saída de alunos, passaram por um treinamento e vão trabalhar com equipamentos de proteção individual (EPIs) específicos, os chamados *face shields* (escudos faciais), em suas funções. O uso de máscaras será obrigatório para todos. Além disso, 200 recipientes de álcool em gel estão espalhados por toda a escola, bem como cartazes de etiqueta respiratória, higienização das mãos e regras gerais para prevenção do vírus.

“O São Vicente aproveitou um processo que se iniciou com a pandemia para criar algo que pretendemos manter mesmo quando tudo passar, que é a educação sanitária. Queremos conscientizar nossos alunos de que essas boas práticas sanitárias evitam doenças. Foi um aspecto a que nós demos muita atenção, inclusive com a implantação das placas educativas que vão permanecer no colégio. Acreditamos que as crianças têm um poder enorme de passar bons hábitos para frente. Eles são o nosso futuro e, se desenvolverem esses hábitos logo na infância, certamente levarão essa visão para a vida adulta”, disse Luiz Fernando.

Os protocolos também incluem cuidados especiais no transporte escolar e nas cozinhas e cantinas do colégio. Temporariamente, os espaços das bibliotecas, laboratórios, salas de música, arte e multiuso, espaço maker e auditório não serão utilizados. E nas quadras esportivas só serão permitidas atividades que não demandem interação física.



QUATRO PERGUNTAS PARA THIAGO JUDICE



Thiago nas aulas on-line; em 2009, com o grupo do Projeto Educando Muda-Rio das Pedras, na Floresta da Tijuca; embaixo, na saída em campo para São Paulo, em aula na Pinacoteca do Estado

Mestre em ensino de biologia pela UFRJ e com pós-graduação em psicopedagogia e em neurociências aplicada à aprendizagem, Thiago Judice, 35, é professor de ciências do 7º ano do CSVP desde 2014. Recentemente, ele também se tornou professor do PLIPT para o 8º ano.

Desde o início de sua carreira, Thiago vem buscando unir a arte ao ensino das ciências, e todo ano propõe trabalhos que dialogam com uma de suas formas, seja teatro, música, desenhos ou poesia. Para os tempos de quarentena o professor aceitou a sugestão de sua coordenadora, Estela, e compôs o rap “Veja, julgue, aja!”, em parceria com o professor José D’Assunção, inspirado no PPP do CSVP. O vídeo, feito a partir da música e de imagens do Colégio São Vicente, buscou trazer uma mensagem de motivação e esperança para a comunidade vicentina. Choveram comentários e elogios.

Abaixo, o professor conta um pouco sobre sua trajetória, comenta sobre o prazer e os desafios do ensino e deixa um belo recado para todos.

1 Como surgiu seu interesse em ser professor de ciências?

Durante a graduação achei que iria trabalhar com consultoria ambiental, mas ao final do curso iniciei um trabalho voluntário, junto com alguns geógrafos, na comunidade de Rio das Pedras, onde dava aulas de educação ambiental para jovens de 10 a 18 anos. Esta foi uma experiência tão intensa, onde me senti tão necessário na vida daqueles meninos e meninas, que decidi me tornar professor. Minhas primeiras turmas do São Vicente se formaram no ano passado, ainda tenho contato com eles e nunca os esquecerei.

2 Do que você mais gosta na sua profissão?

O que mais gosto na minha profissão são as trocas que ocorrem durante as aulas. Trocas de conhecimentos, de opiniões e de vivências. Em uma sala de aula, a aprendizagem flui em todas as direções, basta estar atento para perceber quanto conhecimento é transmitido em 45 minutos. Faço questão de manter um clima feliz e leve durante as minhas aulas, pois esta é uma condição essencial para que os conhecimentos transitem. Estudos em neurociência apontam que a aprendizagem ocorre melhor durante momentos de bem-estar, graças à liberação de certos neurotransmissores pelo cérebro, como a dopamina. Entendo que proporcionar estas condições seja a minha principal tarefa e certamente a de que mais gosto.

3 Como tem sido para você dar aulas on-line?

Apesar de fazer alguns vídeos para o YouTube, nunca tinha dado aulas ao vivo pela internet. A experiência tem sido muito interessante, a escola me proporcionou todas as ferramentas para que pudesse desenvolver um bom trabalho. Quem dera ter estas mesmas condições na escola pública. Acredito que conseguimos ótimos resultados apesar da difícil situação em que vivemos. Não é fácil manter o engajamento de alunos que estão acostumados com abraços e olho no olho, mas obtive um bom feedback das minhas turmas e tenho certeza de que qualquer dificuldade será resolvida com tranquilidade quando voltarmos às aulas presenciais. Os alunos do CSVP são privilegiados e têm consciência disso. Por isso, acredito que o principal sentimento no momento é o de gratidão, por termos a possibilidade de continuar os nossos estudos e nos comunicar de forma tão eficiente. Pouquíssimos alunos da escola pública, em que sou professor, dispõem de recursos para o ensino a distância.

4 Alguma mensagem à comunidade vicentina nestes tempos prolongados de pandemia?

Mantenham-se firmes. Vamos fazer a nossa parte, dar o bom exemplo e ajudar como pudermos. São Vicente de Paulo está intercedendo por nós, e esse período de dificuldades irá passar, assim como todos os outros passaram. Vamos nos concentrar no que temos de positivo e acreditar que toda dificuldade surge para o nosso melhoramento. Assim que possível, quero muitos beijos e abraços!!!

REFLEXÃO E EXPRESSÃO, MESMO QUE A DISTÂNCIA

Alunos, pais, educadores e convidados debatem temas contemporâneos nos chats do Ensino Médio

Desde o início de abril, uma série de encontros virtuais entre alunos, professores e convidados tem movimentado semanalmente o Ensino Médio do Colégio São Vicente. Com um espaço para tirar dúvidas de matérias específicas e um momento de reflexão e expressão cultural, os chats, ou conversas informais, do inglês, vêm reunindo um número expressivo de alunos, apesar de sua não obrigatoriedade. Para os novos coordenadores do Ensino Médio, Patrícia Brito e Fabiano Lins, é importante dar aos estudantes a oportunidade de debater temas contemporâneos relevantes sem que isso esteja necessariamente vinculado a uma nota.

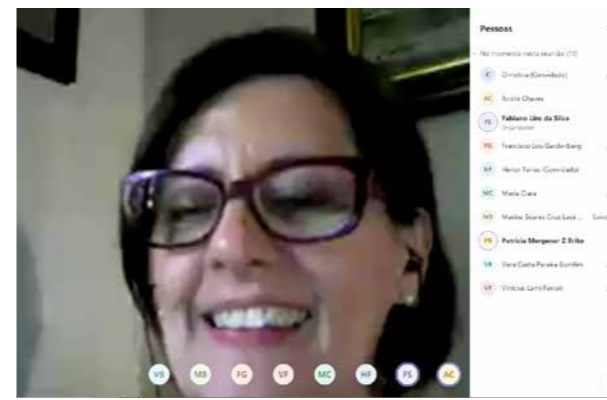
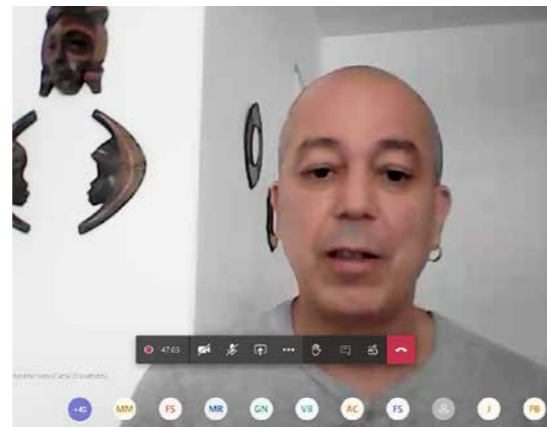
Quando assumiram no início do ano a coordenação do EM, os professores de longa data da casa, Fabiano e Patrícia, já pensavam em promover conversas sobre tópicos representativos da atualidade com os alunos. Mas foi com o início do ensino a distância que os bate-papos semanais surgiram, juntando a parte cultural com um tempo de estudos.

As manhãs de sábado foram divididas em dois momentos: no primeiro, das 8h às 10h, cada série entra em um chat separado, com dois professores de diferentes matérias - que mudam a cada fim de semana - se revezando em turnos de uma hora para sanar eventuais dúvidas. Após um intervalo de meia hora começa a segunda parte da programação, que já trouxe à tona desde temas culturais, como a influência de artistas plásticos, fotógrafos e músicos brasileiros, passando por debates sobre os impactos políticos, econômicos e sociais da Covid-19, até reflexões acerca da cidadania e dos direitos das mulheres e da população negra.

“Nossa ideia inicial foi criar um espaço em que os alunos pudessem aprofundar a discussão em temas importantes da atualidade, nos quais eles já têm interesse, e também promover uma oportunidade de troca emocional e de expressão artística, tão importante no contexto que estamos vivendo”, disse Patrícia.

Saúde, desigualdade e resistência

Dentre os convidados de fora que participaram dos encontros virtuais estão a pesquisadora Patrícia Ribeiro, da



Na página ao lado, de cima para baixo: Carlos Machado, da Fiocruz e prof. Fabiano Lins, coordenador do Ensino Médio, no chat sobre a Covid-19; embaixo, o economista Sergio Besserman fala sobre sustentabilidade. Nesta página: a chamada para o debate sobre a construção do autódromo na Reserva do Camboatá, o palestrante, pesquisador Heitor Farias, e a profa. Patrícia Brito, também coordenadora do E.M

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que conversou sobre as políticas públicas na área de saúde no Brasil desde os anos 1980, e a pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus, do departamento de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), que debateu as construções sociais de raça, gênero e classe na manutenção das desigualdades no país.

Já os professores Ary Pimentel, doutor em literatura comparada pela UFRJ, e Mariana Bruce Ganem Baptista, doutora em História Social pela UFF, conversaram com os alunos sobre os caminhos de resistência da América Latina frente às complexidades do mundo globalizado.

“Os temas dos chats são sugeridos por diversos grupos do colégio, como o coletivo feminino, o coletivo negro, o grêmio, os representantes de turma, os professores e a equipe do SOE. A coordenação acadêmica também participa muitas vezes e dá um suporte, além de pais de alunos que se oferecem para palestrar”, revelou Fabiano.

Da cultura de tolerância à preservação ambiental

Em julho, o tema central das discussões foi a cidadania e a busca por direitos e por respeito, que trouxe o advogado criminalista André Peregmanis; a presidente da Comissão OAB Mulher, Rebeca Servaes; a socióloga e pedagoga Adriana Mota, ativista da Articulação de Mulheres Brasileiras; e o terapeuta holístico e membro do movimento Guerreiros do Coração do Rio de Janeiro Luiz Otávio Reis. A conversa girou em torno da misoginia e dos preconceitos estruturais da sociedade, que muitas vezes geram comportamentos inadequados e podem colocar os jovens em situações vulneráveis. A partir da apresentação do vídeo “Como conversar com quem pensa diferente de nós?”, também foram estudados caminhos para a construção de uma cultura de tolerância e diálogo.

O último sábado antes das férias foi reservado para uma festa junina virtual, que teve ampla participação dos professores. Já com o retorno do semestre letivo em agosto e a questão do retorno ou não das atividades presenciais, foram convidados o médico e pesquisador da Fiocruz Carlos Machado de Freitas para conversar com a comunidade vicentina sobre os riscos e os argumentos favoráveis ao retorno presencial.

E assim, entre temas como a preservação ambiental, a partir da questão da proposta de destruição da reserva de Camboatá, na Zona Oeste da cidade, para a construção de um novo autódromo, e novas propostas para uma economia sustentável, com apresentação do economista Sérgio Besserman, os chats seguem honrando a tradição vicentina de reflexão e debate sobre questões fundamentais da sociedade. Afinal, mesmo de casa é possível continuar influenciando positivamente o mundo. E ainda que com a pandemia, é necessário seguir lutando por uma sociedade melhor.

LEONARDO BOFF: “O CORONAVÍRUS É UM GRITO DA TERRA”

Teólogo enfatiza a necessidade de resgate da lógica do coração para a vida pós-pandemia

“Quase todas as discussões em torno do coronavírus focalizam a medicina, a tecnologia e até uma busca quase desesperada por uma vacina. Isso é fundamental, certamente, para superarmos a pandemia. Mas existe uma questão maior que não é falada: esse vírus veio da natureza, como outros desequilíbrios que vemos. Estamos numa emergência ecológica. Ou fazemos um pacto, entre todos nós, de cuidado mútuo e de cuidado da Terra, ou assistiremos à nossa própria destruição”.



SEBASTIÃO BONDRECKY/NA MARGEM DA TRANSMACZÓNICA/1977
OBRA NO SITE SEBASTIÃO BONDRECKY.COM

“PRECISAMOS ASSUMIR NOVOS VALORES, ADOTAR NOVAS FORMAS DE CONSUMIR, DE CONVIVER, DE NOS RELACIONAR COM A NATUREZA E TER A COMPREENSÃO DE QUE SOMOS PARTE DELA”

LEONARDO BOFF

O alerta foi feito pelo teólogo e escritor Leonardo Boff na noite de 9 de julho último, na segunda roda de conversa virtual promovida pelo Colégio São Vicente, sob o tema “Como será o amanhã”. Os debates têm como objetivo apresentar uma reflexão sobre modos de vida colocados em xeque pela pandemia e o que pode ou deve ser gestado para o futuro.

Representante da América Latina na Comissão da Carta da Terra, documento que envolveu 46 países na elaboração dos princípios de conservação ambiental e desenvolvimento sustentado, Boff ressaltou que o pior que pode nos acontecer é voltar à vida nos moldes pré-Covid 19. Porque o planeta não suporta mais.

“Estamos vivendo momentos difíceis de confinamento, de distanciamento de pessoas que amamos, e ficamos ansiosos querendo saber quando poderemos voltar ao normal. Mas foi exatamente esse chamado normal que nos trouxe a esta situação extrema”, disse o teólogo. Segundo ele, precisamos entender este momento de isolamento social como uma espécie de retiro existencial, para refletirmos onde erramos e o que precisamos fazer para não repetirmos os modelos que nos levaram a esta crise.

“Precisamos pensar no mundo que queremos e devemos construir para que todos vivam bem. A Terra é um organismo vivo que reage ferozmente à violência que impomos a ela. Precisamos assumir novos valores, adotar novas formas de consumir, de conviver, de nos relacionar com a natureza e ter a compreensão de que somos parte dela”, disse.

Autor de mais de 90 livros, traduzidos em vários idiomas, detentor de prêmios e títulos de doutor honoris causa e referência na discussão de temas como ética, política, direitos humanos, ecologia e espiritualidade, Leonardo Boff falou da importância de levarmos a sério os estudiosos da ciência e interpretar os sinais de saturação da Terra para fazermos uma travessia de uma visão antropocêntrica para outra cosmocêntrica no pós-pandemia.

Para isso, afirmou, não basta o conhecimento. É preciso ter empatia, ser solidário, resgatar a lógica do coração, como a sede do mundo das excelências. “O que nos distingue de outros animais é a nossa capacidade de nos relacionar, de cooperar em rede. Precisamos resgatar nossa responsabilidade universal e a nossa interdependência global”, enfatizou.

Com mais de mil visualizações, a roda de conversa, realizada através da plataforma Zoom, foi apresentada pelo diretor do São Vicente, Pe. Agnaldo de Paula, mediada pelo professor de História do colégio Raphael Kapa e contou com a participação de outros professores e membros da comunidade vicentina de todo o país. O debate foi veiculado pelo YouTube e permanece disponível no canal CSVPRJ.





“CONHECIMENTO LIBERTA”

Este é o lema de Eduardo Moreira, ex-aluno do CSVP que já foi banqueiro e se tornou um dos maiores influenciadores digitais do país

Quem navega pelo Facebook, pelo Instagram ou pelo YouTube certamente já viu seus anúncios dizendo que investir é para todos. Empresário, economista, escritor, palestrante, professor e um dos maiores influenciadores digitais do país, o ex-banqueiro e ex-aluno do Colégio São Vicente de Paulo, Eduardo Moreira, hoje com 44 anos, vive de vender cursos ensinando a população a cuidar de seu dinheiro e a fugir do que chama de armadilhas do mercado.

Todo mês, Eduardo Moreira dá uma aula grátis na internet sobre os pilares da educação financeira, acompanhada por milhares de pessoas. Às que querem se aprofundar nos conhecimentos de finanças, ele oferece seus cursos avançados. Pagos. São eles que financiam as aulas gratuitas, no sistema que ele apresenta como “universidade solidária”, por onde, em pouco mais de dois anos, já passaram mais de 500 mil alunos, dos quais cerca de 20 mil pagantes.

À frente do seu instituto, nomeado com o aforismo que repete qual mantra em suas aulas – “conhecimento liberta”, Eduardo também cria alternativas de investimentos para quem quer seu dinheiro aplicado em atividades de desenvolvimento sustentável. Assim surgiu o Finapop, um movi-

mento de financiamento popular da agricultura familiar, que já financiou uma cooperativa de carne suína no sul do país e uma agroindústria de mel e cacau no nordeste. “É o pobre pegando dinheiro mais barato que o rico”, garante.

No início da pandemia de Covid-19 no Brasil, o economista um dia entrou ao vivo na internet para explicar a seu público o que estava acontecendo no mercado financeiro naquele momento de turbulência. Não parou mais. Toda manhã, às 10h, ele comanda uma *live* em que apresenta um resumo das notícias do dia anterior e convida um expoente da política, da ciência ou da sociedade para comentar. Por lá já passaram Lula, Boulos, Ciro, Haddad, entre outras estrelas da oposição, bem como grandes lideranças de movimentos sociais, religiosos, intelectuais e cientistas de renome.

#Somos70porcento

Com a audiência de um pequeno canal de televisão, que chega a 20 mil pessoas ao mesmo tempo, sem anunciantes ou patrocinadores, as conversas acabaram virando um espaço privilegiado de discussão política. Foi lá que surgiu o movimento #Somos70porcento, numa referência ao percentual de brasileiros insatisfeitos com o governo Jair Bolsonaro, que explodiu nas redes sociais e chegou à grande mídia.

Essa agitação toda colocou Eduardo Moreira entre os dez brasileiros mais influentes na abordagem de temas políticos na internet, num ranking que inclui personalidades como Felipe Neto, Anitta, Luciano Hulk e Ciro Gomes, além, obviamente, dos antípodas Lula e Bolsonaro.



Tudo isso é ainda mais surpreendente quando se leva em conta sua trajetória de rapaz bem-nascido na Zona Sul carioca, que chegou a sócio de um dos maiores bancos de investimentos do país. “Tenho uma natureza questionadora, fico incomodado com as injustiças”, pondera.

No terceiro ano do Fundamental, Eduardo entrou no Colégio São Vicente onde ficou até se formar no Ensino Médio, em 1992. Em seguida, na mesma trilha do pai e do avô, foi para a PUC estudar engenharia. Conseguiu uma bolsa de iniciação científica para trabalhar com contenção de encostas nos morros cariocas, e durante dois anos viu de perto a desigualdade das favelas.

Combate aos privilégios

“A minha virada para o caminho mais progressista que eu venho trilhando nos últimos anos teve duas sementes principais: os anos no Colégio São Vicente e esse estágio nas favelas, que me permitiu ver de perto um mundo totalmente desconhecido pra mim, que me escancarou todos os meus privilégios de classe média alta da Urca. Isso me marcou muito”, conta Eduardo.

Mas, vindo de um ambiente familiar conservador, para o qual “fazer sucesso é ganhar dinheiro”, foi ainda estudar economia na Universidade da Califórnia com uma bolsa de desempenho acadêmico, e em seguida ingressou numa carreira de sucesso no mercado financeiro, onde ficou por 20 anos.

O primeiro tombo veio quando ele caiu literalmente de um cavalo, em 2009. “A experiência foi tão traumática que eu decidi viajar aos Estados Unidos para aprender a domar cavalos sem violência”, conta. Na volta, escreveu um *bestseller* sobre o tema e rodou o Brasil ensinando a técnica, o que lhe rendeu uma condecoração da Rainha Elizabeth, entregue em mãos no Castelo de Windsor pela própria soberana, em 2012.

Três anos depois, um novo baque. Desta vez uma cirurgia que complicou e quase o levou à morte. No leito de um hospital de primeira linha em São Paulo, recebe o telefonema do caseiro de seu sítio avisando que precisaria se ausentar para levar a filha ao hospital. No dia seguinte, descobre que a moça ainda não tinha sido atendida no interior enquanto ele desfrutava de todos os cuidados e luxos na capital. Era novamente a desigualdade brasileira que vinha bater à sua porta.

Incomodado com seus privilégios, Eduardo escreve, a partir de gravações no celular feitas no próprio hospital, o livro *O que os donos do poder não querem que você saiba*. Decide então largar a vida de banqueiro e ensinar educação financeira para democratizar o acesso a investimentos.

Paralelamente, começa a estudar a fundo a questão da desigualdade, que culmina com temporadas passadas em assentamentos de trabalhadores sem-terra no sul e em comunidades do sertão nordestino para vivenciar in loco os problemas dessas populações. “Eu não queria apenas visitar, como se visita um zoológico. Queria viver junto com os pobres, conhecer a dor desses irmãos e irmãs e enfrentar meus próprios preconceitos com relação a eles”, explica.

Nessa trajetória, escreve ainda *Desigualdade e caminhos para uma sociedade mais justa*, em 2018, e este ano fecha a trilogia do tema com *Economia do desejo – a farsa da tese neoliberal*.

“Eu conheci a fundo o outro lado. Mas passei a usar esse conhecimento para combater a desigualdade e a injustiça”, afirma Eduardo Moreira, que ao todo já escreveu dez livros e está à frente de uma empresa digital com 30 colaboradores. “A maior vitória é não desistir da luta por um mundo melhor”.

O ex-aluno Eduardo Moreira, com seus livros publicados na estante, recebendo a condecoração da rainha Elizabeth e na sua *live* diária, com o convidado do dia 25 de setembro, o ex-professor de história do colégio Chico Alencar

A PANDEMIA POR COVID-19 E SEUS IMPACTOS NA VIDA DE TODOS

O ano de 2020 será para todos hoje e as gerações futuras marcado pelo surgimento de um novo vírus, o Sars-Cov-2, que contribuiu para uma pandemia global por uma nova doença, a Covid-19. No início do século XX, a pandemia conhecida como gripe espanhola, infectou cerca de 500 milhões de pessoas e resultou em pelo menos 50 milhões de mortes entre 1918 e 1920. Pouco mais de 100 anos depois, a pandemia por Covid-19 é a mais grave ameaça à saúde pública por um vírus respiratório e vem resultando em grandes mudanças e impactos em nossas vidas como um todo.

A Covid-19 teve origem em dezembro de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, que possui uma população de cerca de 11 milhões de habitantes, sendo a sétima maior cidade da China e a de número 42 do mundo. Por possuir um porto que conecta outras regiões da China e uma conexão ferroviária para importantes cidades do país, além de um aeroporto com voos para várias partes do mundo, possibilitou a rápida disseminação da doença ainda em janeiro de 2020, atingindo outros países asiáticos (Japão, Malásia, Singapura, Coreia do Sul, Tailândia, Vietnã, Nepal, Camboja, Sri-Lanka, Filipinas e Índia) e outros continentes, como Oceania (Austrália), Oriente Médio (Emirados Árabes), Europa (França, Alemanha e Finlândia) e América do Norte (Canadá e E.U.A).

O rápido crescimento de casos e óbitos em diferentes regiões da China e o risco de disseminação para outros países fez com a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarasse, em 30 de janeiro, a Covid-19 como uma emergência de saúde pública de importância internacional. Em 11 de março, com países de todos os continentes com casos confirmados, o Diretor da OMS caracterizou esta emergência como uma pandemia, significando que já havia se disseminado pelo mundo.

“ATÉ MEADOS DE SETEMBRO A COVID-19 JÁ HAVIA ATINGIDO 187 PAÍSES, INFECTADO CERCA DE 29 MILHÕES DE PESSOAS E RESULTADO NA MORTE DE MAIS DE 900 MIL PESSOAS”.

Até meados de setembro a Covid-19 já havia atingido 187 países, infectado cerca de 29 milhões de pessoas e resultado na morte de mais de 900 mil pessoas. O Brasil, junto com E.U.A e Índia, estava entre os três primeiros países em número total de casos e de mortes. Em relação ao número de mortes por milhão de habitantes, estava junto com E.U.A e outros países da América Latina (Peru, Bolívia, Equador e Chile) e Europa (Espanha, Itália, Reino Unido e Bélgica), entre os 10 países com situações mais graves.

A grande e rápida capacidade de disseminação resultou em um crescente número de casos, com 85% das pessoas infectadas apresentando sintomas leves, moderados ou assintomáticos. A questão é que os outros 15% envolvem os casos graves e críticos, com alguns precisando de internações hospitalares em UTIs e ventilação mecânica como formas de suporte à vida. Dentro dos que evoluem para casos graves e críticos, idosos e portadores de doenças crônicas (diabéticos, hipertensos, com insuficiência cardíaca, renal ou doença respiratória crônica), que representam um percentual grande da população total, são os mais vulneráveis. Na prática, isto significa que sem o controle da pandemia, o número de pessoas que demandam internações e UTIs para as formas mais graves da doença podem ultrapassar em muito as capacidades dos sistemas de saúde locais, público e privados, resultando em grande número de mortes.

“SE A PANDEMIA AFETA TODOS, AS DESIGUALDADES SOCIAIS JÁ EXISTENTES NAS SOCIEDADES VÊM CONTRIBUINDO PARA QUE ALGUNS SOFRAM MAIS OS IMPACTOS DO QUE OUTROS”.

Enquanto não tivermos tratamento e nem uma vacina para a Covid-19, a principal estratégia adotada envolve as medidas não-farmacológicas (higienização pessoal e dos ambientes, etiqueta respiratória, uso de máscaras e o distanciamento físico e social). Na prática isto significou que, de uma hora para outra, milhões de pessoas no mundo viram suas rotinas transformadas radicalmente. Atividades econômicas, culturais e educacionais foram interrompidas, e algumas depois modificadas. Os encontros com os amigos e os familiares suspensos e passando a obedecer às novas regras de convívio social. Novas rotinas na vida diária, no trabalho e nos deslocamentos se impuseram para todos.

Mas, se a pandemia afeta todos, as desigualdades sociais já existentes nas sociedades vêm contribuindo para que alguns sofram mais os impactos do que outros. Precárias condições de vida, trabalho e proteção social de bilhões de pessoas no mundo não só impedem ou limitam que muitas das medidas de higienização, uso de máscaras e distanciamento físico e social sejam realizadas, como também potencializam um impacto desigual da pandemia na vida e saúde dos mais pobres, que têm sido proporcionalmente os mais atingidos pela doença e por seus efeitos socioeconômicos.

Duas questões importantes surgem nesse cenário.

Primeiro, a necessidade de equilibrar a prevenção da doença, através de um conjunto de medidas não-farmacológicas, com a promoção da saúde. Se medidas de distanciamento físico e social são necessárias, não podem ser prolongadas indefinidamente, pois resultam em outros impactos sobre a saúde, incluindo a saúde mental. A questão é que em um cenário de muitas incertezas (desde tratamentos, vacinas, evolução do vírus e da pandemia, até disputas políticas e judiciais sobre a adoção de medidas), a pandemia é prolongada, a sensação de insegurança potencializada e seus efeitos ampliados (desde os relativos à saúde mental até às pessoas que, com medo de procurar serviços de saúde neste contexto, têm suas situações de doenças agravadas).

A segunda se relaciona à imunidade coletiva ou de rebanho, que pode servir como uma metáfora para enfrentar a pandemia e os pandemônios que rondam e se alimentam da Covid-19. Não é possível a segurança para um indivíduo, família ou escola se não for possível a segurança para todos. Não é possível saúde e escola para alguns, sem saúde e escola para todos. Enfrentar esta pandemia e as futuras exige desde já políticas de redução das assimetrias e desigualdades sociais, com um mundo e um país mais justos para todos.

Carlos Machado de Freitas

Vice-Presidente da APM e Pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz



CANTANDO JUNTOS, DE LONGE

O Coral Amigos do São Vicente (ASV), formado por pais de alunos, ex-alunos e amigos do Colégio, não se deixou abater pelo distanciamento imposto pela Covid-19 e reuniu suas vozes num vídeo superbacana. Com a participação dos compositores PC Castilho e Luís Perequê, o coro fez bonito cantando a distância a música *Pelourinho*, que faz parte do repertório do grupo e sempre significou muito para seus integrantes. O maestro Danilo Frederico regeu o coro, também remotamente, com o auxílio luxuoso do piano de Léo de Freitas. O resultado, que ganhou até destaque no jornal RJ-TV, da TV Globo, em agosto, pode ser conferido na página do Coral ASV no Facebook, pelo link <https://www.facebook.com/coralasv>. O grupo continua ensaiando semanalmente on-line e está preparando novas surpresas para breve.



DOAÇÕES PARA O MURO DA GENTILEZA

O Muro da Gentileza segue tendo papel importante na manutenção da saúde e da vida de transeuntes e moradores das redondezas do colégio. No início da pandemia, alunos e responsáveis iniciaram uma campanha de doação de máscaras de proteção caseiras, registrada na edição anterior d' *A Chama*. Agora, a campanha prossegue com o pedido de doações de frascos de álcool gel, materiais de limpeza, itens de higiene pessoal e alimentos não perecíveis, destinados às populações das comunidades do entorno do São Vicente que perderam seus empregos e fontes de renda nestes tempos tão difíceis. Vamos ajudar nossos irmãos?



FOTO NATALIAO UIRIQUE

COMO SERÁ O AMANHÃ III

Num esforço de fazer um exercício de compreensão do presente que nos permita desenhar possíveis cenários do futuro, o Colégio promoveu, na noite de 1º de setembro, o 3º Encontro da série *Como será o amanhã?* Desta vez, o tema proposto foi *Como a análise de dados pode colaborar para a compreensão do que virá?* e reuniu um matemático, um economista e um epidemiologista, com a moderação do professor Raphael Kapa. A *live* não se propôs a fazer previsões para um futuro ainda obscuro da pandemia de coronavírus, mas apontou caminhos importantes, como a necessidade crescente de investimento em vigilância sanitária e de medidas que reduzam os impactos da pandemia na economia. O encontro virtual está disponível no Canal do CSVP no Youtube, (youtube.com/CSVPRJ).

LOBO-GUARÁ NA NOTA DE R\$ 200

Sucesso nas redes sociais desde que a nota de R\$ 200 passou a circular, no início de setembro, o bicho que estampa a cédula é velho conhecido e muito querido pelos vicentinos. Trata-se do lobo-guará, personagem importante do Santuário do Caraça, em Catas Altas, na Região Central de Minas Gerais, seu ambiente natural. Pacífico e brincalhão, ele faz a festa dos visitantes que ali se hospedam. Toda noite, o animal vem se alimentar no adro da igreja de uma bandeja com ossos, carnes e frutas preparada pelo pessoal do santuário. O momento de sua aparição foi cunhado de "a hora do lobo". Graças ao trabalho do Caraça e de outras instituições que divulgam a convivência tranquila com o lobo-guará, ele hoje figura na lista de animais vulneráveis, mas não mais ameaçado de extinção. Ao lado, a exposição realizada em 2012, no CSVP, com fotos do Pe. Lauro Palú, hoje diretor do Caraça.



FOTO LAURO PALU



FOTO FACEBOOK LUCAS ROMANO

ADEUS, LUCAS ROMANO

Na sexta-feira, 18 de setembro, a comunidade escolar do São Vicente perdeu Lucas Romano, aluno do 3º ano do Ensino Médio. Seu falecimento entristeceu a todos que conviveram com ele e acompanharam sua longa batalha contra o câncer. Por conta disso, na segunda-feira, dia 21, as atividades curriculares do segmento foram suspensas para a realização de um dia de homenagem a Lucas no *chat* do Ensino Médio. Aberto pelo diretor, Pe. Agnaldo, às 9h, o espaço de homenagem se estendeu até as 11h, quando colegas, educadores e educadoras e também a família de Lucas Romano puderam se manifestar espontaneamente, compartilhando a sua saudade, evocando a alegria que ele sempre transmitiu a todos e fortalecendo o compromisso com a vida.

PADRE LAURO, 80 ANOS! VIVA PADRE LAURO!

Quando o Padre Lauro Palú deixou a Direção do Colégio São Vicente de Paulo, em 2013, para assumir a direção do Santuário do Caraça, *A Chama* publicou uma longa entrevista com ele, fazendo um balanço dos seus 20 anos à frente da escola. Mas ficou lhe devendo uma homenagem mais afetiva, de agradecimento e elogio pelo muito que contribuiu para fazer do São Vicente o que ele é.

Diretor do colégio em dois períodos (1980-1986 e 1999-2013), Padre Lauro marcou profundamente a história do que, nas suas próprias palavras, foram “anos de luta, paixão, pioneirismo, resistência, profetismo, crises, crescimento e tantas outras vivências do pessoal que fez, faz e leva adiante as intuições fundamentais dessa Obra”.

Sob sua gestão, foram inauguradas as quadras poliesportivas e o ginásio do colégio, e, com a redemocratização do país, promovidos debates memoráveis que trouxeram para a escola personagens centrais da política brasileira.

Mas foi no dia a dia da vida escolar que Padre Lauro deixou suas marcas mais fortes como educador: no Conselho Pedagógico e nos Conselhos de Classe; no trabalho pastoral missionário, incluindo mais de 400 batizados; no estímulo à produção artística, especialmente nos jornais dos Grêmios e nas apresentações dos Corais e do Teatro; no trabalho sistemático de preparação da revista *A Chama*; na revisão do Projeto Pedagógico; nas exposições semestrais de fotos do colégio e do Caraça; e no esforço na presença pessoal e amiga junto aos alunos e alunas nas entradas e saídas e em campeonatos esportivos, sua verdadeira marca registrada, lembrada aqui por muitos dos que com ele conviveram longamente.

Por ocasião de seus 80 anos de vida, *A Chama* espera suprimir a falha cometida anos atrás, prestando sua homenagem a este que é hoje o único ex-diretor vivo do Colégio São Vicente, um grande amigo e mestre para toda a comunidade vicentina. Gratidão, saúde e vida longa, Padre Lauro!



DESENHO DE ALUNO PARA OS 50 ANOS DO COLÉGIO, EM 2009

“Padre Lauro merece todas as homenagens, pelo que representa e por tudo o que fez. Acredito que, como eu, muitas pessoas se lembrarão de seus inúmeros pensamentos, princípios ou orientações. Ele insistia muito no que acreditava, pois tinha consciência, como costumava dizer: “Nadar contra a correnteza não é fácil, quem nada a favor da correnteza é peixe morto”. Eis alguns exemplos que o Padre Lauro costumava apresentar de como fazer ações transformadoras no Colégio e fora dele, para transformar a sociedade segundo o projeto de Cristo:

- “Além de ser Professores, devemos ser Educadores; além de Educadores, devemos ser Formadores. Simplificando as coisas e concentrando um tanto o olhar, podemos dizer que o Professor transmite conteúdos, o Educador estimula atitudes, o Formador trabalha com os valores.”

- “Em vez de fazer comunicados ou dar avisos, devemos buscar comunicação. Em vez de proibições, devemos descobrir critérios e normas e colocá-las em prática.”

- “Devemos trabalhar por uma educação libertadora: colaborar para que os Alunos do Colégio aprendam o diálogo, consigam formar uma consciência crítica, criem autoconfiança e tenham o senso da própria responsabilidade pessoal e social.”

- “As pessoas não serão objeto de nosso ensino, mas sujeitos de seu próprio aprendizado.”

- “Passar do espírito de crítica ao espírito crítico, do espírito de contradição à colaboração construtiva; ser imaginoso e criativo para superar os problemas; ver as dificuldades como forças de resistência, cuja direção tentaremos mudar para que nos ajudem. Ver as coisas com esperança, otimismo, idealismo e fé.”

- “Não educamos os jovens para passarem nos exames e no vestibular da faculdade, mas, para que possam ser mais e servir melhor a humanidade.”

Pe. Agnaldo de Paula

diretor do Colégio São Vicente desde 2013

“A primeira vez que Padre Lauro foi diretor do colégio eu ainda era aluna do Ensino Médio. Quando voltou, após o falecimento do Padre Almeida, eu já era professora. Com ele aprendemos: a não falar de alguém, mas falar com a pessoa; que ele estava sempre ao lado de seus professores e de seus funcionários. Nem que depois ele precisasse conversar com a gente, ele nos defendia até qualquer instância. Fazia questão de receber os alunos na entrada da escada. Falava: bom

dia, bom dia! Porque se não respondessem, ele mesmo já se respondia. (kkkk). Pessoa firme, direta e objetiva! Não mandava recado pra ninguém! Desse jeito ele conquistou todos da escola”.

Maria Concetta Centola,

aluna de 1972 a 1981 e professora de matemática desde 1988

“Trabalho no CSVP desde 2007 como professora do Ensino Fundamental I. Tenho boas lembranças a respeito da personalidade e da liderança do Padre Lauro. Lembro-me sempre com muito carinho de uma frase dele e procuro repeti-la para os meus alunos durante as aulas: “Devemos dar o nosso melhor em tudo que fazemos.”

Adriana de Amorim Novaes Coutinho,

professora do 5º ano

“Conheci Pe. Lauro quando ele assumiu a direção do São Vicente pela segunda vez. Havia rumores de que ele era uma pessoa rígida e eu ficava receosa de que ele viesse me chamar a atenção por alguma razão. Certo dia, participei de um conselho de classe pela manhã, no qual ele fez várias colocações. À tarde, no conselho de outra série em que eu trabalhava, ele olhou para mim e disse: “Monica, você que me ouviu de manhã, conte aos colegas o que eu disse”. Peguei meu caderno para consultar minhas anotações e ele: “Não, não, sem consulta”. Eu gelei. E ele riu, dizendo: “brincadeira”. Esse era o Pe. Lauro, um homem sincero, um grande educador, que foi praticamente um pai para mim e para quem envio meu abraço carinhoso.”

Mônica Roque,

professora de geografia dos 6º e 9º anos e do EM, no Colégio há 33 anos

“Conviver com o Padre Lauro durante tanto tempo foi uma bênção, um presente dos céus. Sua amizade, simplicidade, humildade e sua atitude de sempre ter uma palavra otimista e amiga me fizeram viver, ou seja, viver deixando-me afetar profundamente, o carisma vicentino. Sua presença diária na escada do pátio, abençoando a chegada de todos/as os alunos e alunas, fazendo uma saudação de boas-vindas a cada um, demonstrava todo seu amor e carinho pelas crianças e jovens que tiveram a felicidade de desfrutar da sua presença como diretor e amigo. Muitas saudades, Pe. Lauro!”

Paulo Nascimento,

coordenador de Educação Física, no CSVP desde 1974



“Ser feliz por ser bom! Era assim que Padre Lauro traduzia nossa missão de transformação social para os alunos e alunas menores. E foi o que eu disse quando ele me perguntou o que eu desejava para minha filha, no dia em que ela foi batizada por ele, como celebrante e padrinho. Com seu jeito sóbrio e afetivo (a seu modo), Padre Lauro encarnou e encarna este ideal, o de alguém feliz por ser bom! Compadre, bom Padre, que reza bem a Missa e fecha com cuidado as portas, seja muito feliz, como o senhor merece!”

Helcio Alvim,

professor, coordenador comunitário, membro da ComPasSo, coordenador da EJA e de EFII, alternadamente, de 2000 a 2014

“Muitas coisas marcaram minha longa convivência com Padre Lauro, mas destaco duas. A primeira é a valorização dos profissionais do Colégio e como, em muitas ocasiões, ele assumia a defesa da equipe. A outra, que guardo até hoje, era sua repetida afirmação de que, em nosso Colégio, não se falava DAS pessoas, mas COM as pessoas. Pessoalmente, sou muito grato porque, ao receber uma proposta de trabalho em outra escola, ele me liberou e me disse que eu estava deixando as portas abertas e poderia voltar ao São Vicente quando quisesse. Isso aconteceu e fui recebido por ele com o carinho de sempre e a expressão “Eu sabia que você viria”.

Artur Motta,

professor e coordenador comunitário entre 1990 e 2007, e coordenador acadêmico de 2011 a 2017

“Trabalhei com o Padre Lauro de 1999 a 2012. Ele foi um grande Mestre, com quem aprendi muito. Uma atitude marcante do Padre Lauro era sua presença diária no pátio do Colégio, no horário da manhã e da tarde.

Ele cumprimentava cada aluno ou aluna com um bom dia, ou boa tarde, todos os dias. Era uma presença muito forte e inesquecível, sempre com uma palavra para nos ajudar em qualquer situação. Até hoje guardamos e usamos seus ensinamentos. Foi um privilégio trabalhar com ele..!!”

Marlene Figueirôa (Marleninha),
coordenadora de disciplina

“A frase “Ser feliz por ser bom” marcou significativamente a vida de todos que conviveram com o querido Padre Lauro, no São Vicente. Com presença muito marcante, ele participava intensamente de todos os momentos do Colégio. Até hoje seus ensinamentos são lembrados pela comunidade. Ratificava “a gloriosa liberdade que Deus nos deu”; lembrava que somos “servidores como Jesus Cristo”; solicitava que tivéssemos “entranhas de misericórdia” ao fazermos avaliações; que procurássemos “falar uns com os outros” no cotidiano; abençoava cada aluno ao pé da escada; conversava com os alunos para que fossem “competentes e solidários”... Como me fez bem estar a seu lado! Meu sentimento é de gratidão.”

Liliane Conceição Ferreira dos Santos,

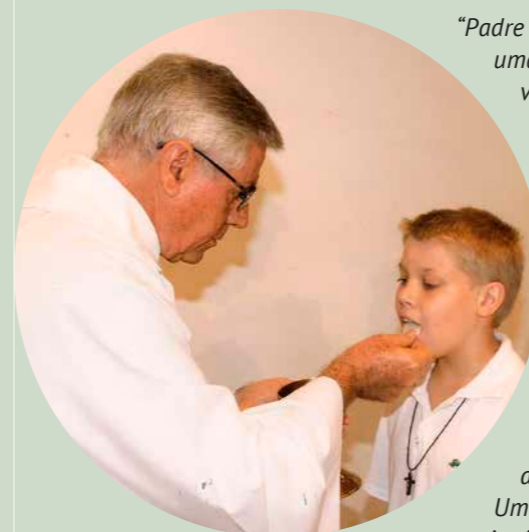
no SV desde 99, hoje coordena o 5º e o 9º anos e o horário estendido e ampliado



Comecei a integrar a comunidade vicentina em 2007, quando a Alfabetização retornou ao Colégio São Vicente. Uma escola que me acolheu desde o início. Padre Lauro me marcou logo no primeiro contato. “Aqui, falamos com e não falamos de”. Um ensinamento de vida! Pela primeira vez na minha trajetória profissional, vi um diretor, diariamente, aos pés da escada recebendo e cumprimentando os estudantes. Ao entrar nas salas de aula, ele perguntava o que as crianças estavam fazendo ali? Com olhares curiosos, várias hipóteses eram levantadas pelos pequenos. E com a maior simplicidade, ele respondia: “você estão aqui para serem felizes”.

Claudia Frias,

professora do 1º ano do EF



“Padre Lauro é essencialmente uma figura paterna que me viu crescer. Eu o conheci quando ele se tornou diretor do São Vicente pela segunda vez. Eu era então aluno do colégio, onde estudei a vida toda. Foi ele também que me recebeu mais tarde, quando fui contratado como professor da escola, e convivemos até que ele se aposentou. Um evento que me marcou muito foi quando minha avó paterna morreu. Na hora do enterro, nos demos conta de que ninguém da família havia chamado um padre para a cerimônia. Eu então liguei para o colégio pedindo ajuda e pouco depois chega ninguém menos do que o próprio diretor do São Vicente, o Pe. Lauro, para rezar a missa da minha avó. Aquilo foi inesquecível. Eu me senti muito honrado pela presença dele e sou até hoje muito grato”.

Luís Gai,

aluno do colégio até 2004, professor de História do FII e da EJA desde 2009, hoje professor do EM e coordenador da EJA

“Para mim trabalhar com Padre Lauro foi um presente, aprendi muito. Ele é uma pessoa maravilhosa, muito iluminado e querido. Fazia tudo com grande alegria e altruísmo. Tinha um enorme carinho com os alunos e suas famílias. E não posso esquecer do seu amor pelas fotografias. Fazia as exposições com grande dedicação. Padre Lauro deixou muitas saudades!”

Sônia Carmo,

auxiliar de Diretoria, há 13 anos no CSVP



“Se falar é difícil, escrever, mais ainda. Meu xará, com seu jeito observador, sua seriedade e sua escrita perfeita e cuidadosa, muitas vezes nos deixava inibidos. Devíamos escolher palavras corretas que

não possibilitassem qualquer outro sentido ao nos expressarmos sobre os alunos num Conselho de Classe. Em contrapartida, sua presença próxima à escada que dá acesso às salas de aula, onde todos os dias dava bom dia e sua bênção a todos os alunos que por ali passavam é inesquecível. Demonstra o amor e o carinho que ele tem pelo colégio. Foi sua marca registrada. Gratidão por tudo, Padre Lauro”.

Lauro Basile,

no Colégio desde 1985, atualmente professor de Teatro, Curso Extra

“Trabalho no CSVP desde 2006 e já encontrei Padre Lauro em seu segundo período como diretor. O que mais me encanta nele é a sua sensibilidade, pois atrás de toda uma aparência “rígida” há um coração enorme e que sabe acolher. O grande aprendizado que recebi do Padre Lauro é que quando temos algo a resolver com alguma pessoa, nunca devemos falar dela e sim com ela, ensinamento que tento exercer na minha vida. A admiração, o respeito e o encantamento foram os motivos pelos quais eu o escolhi para batizar meus dois filhos. Amo o senhor Padre Lauro, beijos no coração”.

Fabiano Lins,

professor de Química, hoje na Coordenação do EM



Pe. Lauro em vários momentos: na página ao lado, homenageado na despedida do SV, fotografando uma feira no colégio e, embaixo, com Marleninha. Nesta página, entregando a 1ª comunhão; no Caraça, aguardando a chegada do lobo guará, com Emanuel, filho do prof. Fabiano, à sua esquerda; e, ao lado, cortando e distribuindo o bolo de aniversário do CSVP

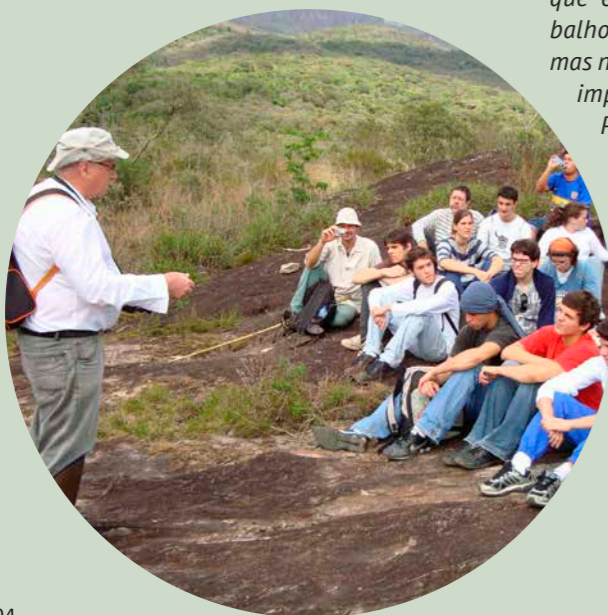
“Tudo o que a história produz... eu ofereço ao Senhor! TEMPO e PRESENÇA constroem a vida de Padre Lauro nesses anos. O Afeto, a Gratidão, a Fé e a História realizam a força dos momentos vividos. Um abraço nosso, Zeduh & Silvia, Pedro e Eduardo.

José Eduardo de Souza, o Zeduh,
professor e coordenador da Pastoral e Ensino Religioso por 28 anos. Deixou o colégio em 2019



“Padre Lauro me encantou desde a minha primeira visita à escola, pelo jeito sincero com que falava com os pais e o carinho com que recebia e abençoava as crianças diariamente. A maneira amorosa com que ele ensinava sobre a vida de São Vicente, nos encontros de fins de semana que promovia, me tocou profundamente e me fez tornar-me uma vicentina. Era muito tocante ver também seu amor pelos pássaros, pelo lobo-guará e os demais animais no Caraça, seu cuidado com as plantas e a sensibilidade com a natureza, tão bem retratada nas suas fotos. Padre Lauro era um líder nato que não tinha medo de falar as verdades. Me lembro de uma reunião de pais de crianças do primeiro ano, quando uma mãe mencionou alguma coisa de Enem e ele disse: “Me desculpe, mas se a senhora matriculou seu filho aqui pensando no Enem, talvez tenha escolhido a escola errada”.

Simone Fuss,
mãe de dois alunos e presidente da Associação de Pais e Mestres do colégio



No Caraça, o autorretrato com a sombra de Pe. Lauro, uma das quase 3 mil fotos suas de fungos de todas as cores e falando sobre a natureza da região aos alunos do 3º ano E.M.

“Padre Lauro escreve lindamente, assim como fotografa. A Chama teve a sorte de contar com a sua ajuda nos anos em que ele dirigiu o colégio, e até hoje lançamos mão das suas fotos para embelezar a revista. Sua participação era desde a reunião de pauta até a revisão final. Quando eu deixava na portaria do colégio as folhas impressas, ele comentava que estava com muito trabalho, que ia demorar para ler, mas na manhã seguinte sua revisão impecável estava pronta. Obrigada, Padre Lauro, por me receber n’ A Chama e pelo amor com toda a minha família nos momentos difíceis: as visitas, a missa, as preces, os conselhos na sua sala, o olho nos meninos.”

Christina Barcellos,
designer gráfica d’A Chama e mãe de quatro ex-alunos



A CHAMA PUBLICOU HÁ ... 37 ANOS

Já pensou como seriam estes tempos de pandemia sem a internet? Infelizmente, esta ainda é uma realidade para um grande número de brasileiros, mas para a comunidade escolar do São Vicente ela tem sido fundamental para nos manter conectados e ativos em aulas remotas, chats, lives e até mesmo na leitura on-line da nossa revista.

A relação do colégio com a informática vem de longe. Em dezembro de 1983, o número 40 d’A Chama trazia o primeiro artigo sobre o tema, intitulado *O Computador no Ensino*, numa onda de prever o admirável mundo novo que se avizinhava. Falava dos seus benefícios, questionava se isso significaria o fim da presença do professor na escola e levantava inquietações.

“Como será esta futura geração de indivíduos superinformados e educados desde cedo a passar horas e horas à frente de um vídeo? ... Não se tornarão suas mentes tão preguiçosas como estão as nossas pernas depois do advento do automóvel?”, questionava o autor. Que prosseguia mais adiante: “A resposta não é fácil. Convém lembrar, porém, que é na inteligência que repousam as esperanças da humanidade contra as sombras que nos ameaçam.”

O Computador no Ensino

Bater palmas, que bom! Mas qual das mãos produz o som?

O computador no ensino não se constitui propriamente uma novidade. Pelo contrário, a proximidade com os núcleos de ensino sempre foi uma constante na curta mas rica existência do computador.

Na verdade, ele nasceu numa Universidade, há pouco mais de quarenta anos, e foi identificado, desde o início,

em pontos específicos da tela, que a figura, nela exibida, sugere. Esta figura bem poderia ser, por exemplo, o próprio teclado do computador; neste caso, o teclado normal da máquina seria dispensável.

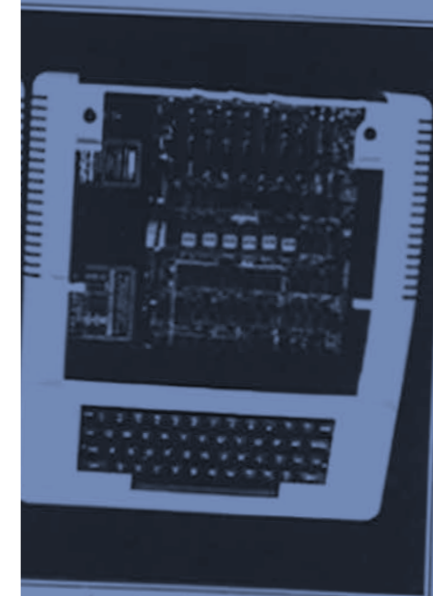
Esta mesma tela poderia exibir o painel de controle de uma aeronave. O piloto poderia ser treinado, simulando um voo, simplesmente apertando os desenhos dos botões e comandos que a tela coloca à sua frente.

A este diálogo, hoje silencioso, acrescentar-se-á, em futuro não muito remoto, o som pausado e metálico da máquina falante juntamente com a voz estridente do jovem estudante, num diálogo mais a gosto dos humanos.

O computador terá ganho a audição e a fala. E o seu alcance será, então, incalculável...

Os benefícios

Os benefícios serão dramáticos. Como limites, a nossa imaginação e coragem.



As no interior deste micro-computador

O ensino por computador poderá se transformar, rapidamente, na forma mais popular de ensino. Na sua esteira, virão mudanças mais profundas no sistema educacional como o ensino sem as atuais restrições formais.

Além de proporcionar maior disponibilidade a alunos e professores — tarefas mecânicas e repetitivas serão prontamente absorvidas pelas máquinas em prol de maior dedicação ao raciocínio e à imaginação —, o computador possibilitará o ensino individualizado, respeitando as aptidões e capacidade de cada um.

Conceitos como horários flexíveis, ensino em casa e educação por toda a vida exigirão perseverança e autodisciplina. As minorias e excepcionais serão certamente favorecidas por esta tecnologia. Com ele, o conhecimento será mais acessível, tendendo a eliminar os desní-

veis hoje existentes entre cidade e campo ou países industrializados e não-industrializados.

Enfim, como benefício maior, a promessa de um ensino mais abrangente e equitativo e, portanto, mais justo.

As inquietações

Como em todas as experiências humanas, as inquietações existem e muitas. Principalmente quando dizem respeito às novas funções intelectuais...

Como será esta futura geração de indivíduos superinformados e educados desde cedo a passar horas e horas à frente de um vídeo? Serão capazes de se emocionarem, de gostar de poesia, de canto de pássaros na madrugada, de coisas simples como poças d’água ou cheiro de terra molhada? Serão capazes de se comoverem com o esforço teimoso dos menos afortunados?

Não se tornarão suas mentes tão preguiçosas como estão as nossas pernas depois do advento do automóvel?

Resistir ou apoiar e auxiliar a criar este admirável ensino novo? Devemos colocar os nossos filhos, crianças de 4 a 5 anos, de idade, aos cuidados deste instrutor frio e eficiente?

A resposta não é fácil. Convém lembrar, porém, que é na inteligência que repousam as esperanças da humanidade contra as sombras que nos ameaçam. Negar experiências que visem melhorá-la é condenar-se por antecipação.

O fim do nosso professor?

Jamais se ouvirá do computador mensagem alguma de censura ou menosprezo. Com sua paciência infinita, repetirá a lição, quantas vezes for necessário. Aos sábados, domingos e feriados...

Dele o aluno receberá mensagens bem-humoradas, palavras de encorajamento ou mensagens de otimismo: “Meus parabéns! Você errou de novo”.

Travessuras com este “professor”, nem pensar. Suas reações não valeriam a pena. Quando muito, uma ou outra armadilha lógica que ele pacientemente tentará decifrar.

Este formidável instrutor, capaz de dialogar até a exaustão, provocará, certamente, mudanças radicais na relação professor/aluno. Mas o caráter impessoal da comunicação trará, com o tempo, saudades do velho professor de avental branco e mãos sujas de giz a blasfemar contra a juventude, sem mencionar a linda professora de Inglês ou o olhar penetrante e voz de barítono do jovem professor de matemática.

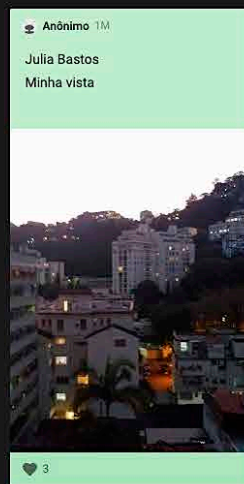
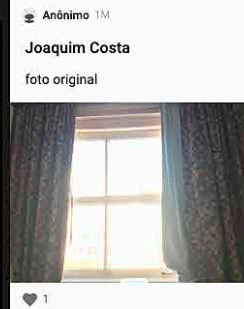
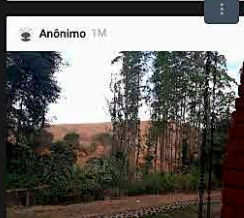
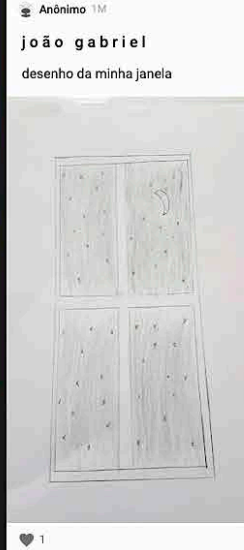
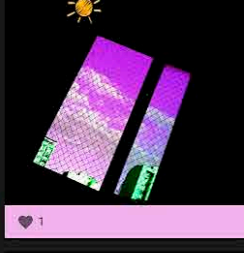
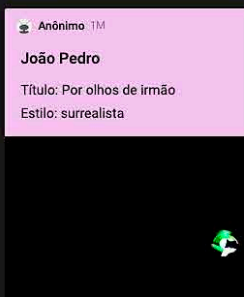
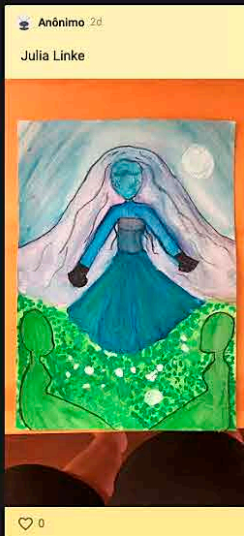
A sensação de perda, de ambas as partes, trará de volta sentimentos adormecidos. E, como a Fênix, das cinzas da confusão, renascerá, fortalecido, um novo professor, com muito maior disponibilidade, muito mais consultor e conselheiro e com disposição para o diálogo, senão infinita, pelo menos com muita emoção e calor humano.

Amém!

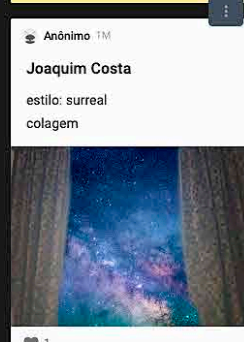
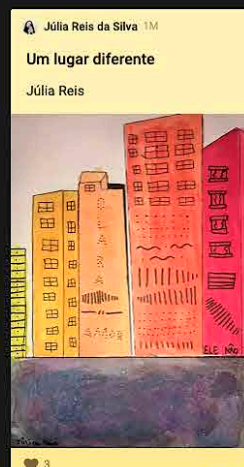
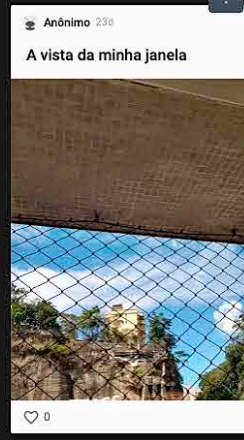
Sadanovu Hayashi.

702 PAISAGEM NA JANELA

Interpretações da paisagem na quarentena



Espaços de comunicação com o mundo na quarentena, as janelas são vistas aqui pelos olhos dos alunos do 7º ano da profª de artes Cacau Marçal



Anônimo 1M
AGORA A FOTO NÉ
RAPAZIADA LINDA

